

D. JOÃO DA CÂMARA

TEATRO COMPLETO

II



MMVI

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Título: Teatro Completo
Vol. II

Autor: D. João da Câmara

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Revisão do texto: Paula Lobo

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Abril de 2006

ISBN: 972-27-1467-8

Depósito legal: 235 272/05

D. JOÃO DA CÂMARA

TEATRO COMPLETO

II

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2006

O GANHA-PERDE

Comédia em 3 actos

Representada, pela primeira vez, no Teatro do Ginásio, em 28 de Abril de 1896. Distribuição de actores: Viscondessa — *Bárbara Volckart*; Piedade — *Juliana*; Bernardim — *Carlos Santos*; Josefa — *Farrusca*; Chico Viçoso — *Cardoso*; D. Anatólia — *Jesuína Marques*; Chica — *Jesuína Saraiva*; Anatolinho — *Alves*; Purificação — *Telmo*; Sebastião Polido — *Baptista*; Diogo — *Ferreira*; Mané Gá — *Inácio*.

O GANHA-PERDE

PERSONAGENS:

VISCONDESSA, proprietária
PIE DADE, sua filha
BERNARDIM, sobrinho da Viscondessa
JOSEFA, criada velha da Viscondessa
CHICO VIÇOSO, vice-presidente da Câmara Municipal
D. ANATÓLIA, sua mulher
CHICA, sua filha
ANATOLINHO, filho de Chico Viçoso
PURIFICAÇÃO, amanuense
SEBASTIÃO POLIDO, escrevão da Câmara
DIOGO, criado da Viscondessa
MANÉ GÁ, amigo de Bernardim

Província. Em casa da Viscondessa.

ACTO I

Jardim da casa da Viscondessa. Casa muita portuguesa, à direita. Janela envidraçada sobre uma pequena escada. Janela no primeiro andar. Do lado esquerda, continua o jardim. Ao fundo, grades e portão.

CENA I

VIÇOSO, D. ANATÓLIA, CHICA, ANATOLINHO e depois DIOGO

(Ao levantar do pano, vê-se passar por detrás das grades a família Viçoso. Viçoso pega no cordão da campinha.)

VIÇOSO (*indeciso*) — Toco?

D. ANATÓLIA — Toca.

VIÇOSO (*Para Chica*) — Toco? Parece-me cedo para visitas.

CHICA — Toque.

ANATOLINHO — Toque.

VIÇOSO — Então toco. (*Toca.*) Toquei.

D. ANATÓLIA — São quase dez horas. Devem de estar levantados.

VIÇOSO — O rapaz talvez não.

D. ANATÓLIA — Deixá-lo. Saberemos o que se passou.

DIOGO (*entrando*) — Olé! O Sr. Chico Viçoso mais a família!

VIÇOSO — É verdade, Sr. Diogo. (*Diogo abre o portão.*) Vai isso bom? (*Entra.*)

D. ANATÓLIA (*entrando*) — Adeus, Sr. Diogo.

CHICA (*entrando*) — Adeus, Sr. Diogo.

ANATOLINHO (*entrando*) — Adeus, Sr. Diogo.

DIOGO — Vivam! Vivam! Então o que os traz tão cedo? Negócios de eleições?

D. ANATÓLIA — Vimos saber do viajante.

DIOGO — Parece-me que ainda está deitado.

VIÇOSO — E as senhoras?

DIOGO — Foram à missa das dez.

CHICA — E que tal?

DIOGO — As senhoras?

CHICA — Não, o senhor.

DIOGO — O Sr. Bernardim? Chegou bem, obrigado.

D. ANATÓLIA — Deve estar um perfeito rapaz.

DIOGO — Um rapaz perfeito.

D. ANATÓLIA (*para Chica*) — Ouves?

VIÇOSO — Muito bem recebido pela família, é claro.

DIOGO — Como merecia.

D. ANATÓLIA — Um diplomata!

VIÇOSO — Um diplomata distinto e nosso futuro deputado! Nunca o círculo se lambeu com um diplomata! Falou-lhe, Sr. Diogo?

DIOGO — Mal o vi. O Sr. Bernardim chegou às duas da noite com o tal amigo...

CHICA — Ah! Traz amigo?

ANATOLINHO — Secretário. Talvez.

D. ANATÓLIA — Com quem os meninos nada têm.

VIÇOSO — Estejam com termos. A menina, sobretudo. (*Para Diogo.*) E que tal?

DIOGO — Esse nem lhe falei. (*Mostrando Josefa, que vem entrando.*) Olhem a Sr.^a Josefa é que lhes pode dizer alguma coisa.

CENA II

Os mesmos e JOSEFA

JOSEFA (*entrando*) — Ora vivam! Vivam!

D. ANATÓLIA — Viva a Sr.^a Josefa! Passou bem?

ANATOLINHO — Passou bem?

JOSEFA — Vamos indo como velha, mas muito alegre hoje. Ora imaginem... Havia dez anos que o não víamos! Menina Chica, como passou?

CHICA — Passou bem?

VIÇOSO — É uma alegria para esta família, para todos nós.

D. ANATÓLIA — Decerto.

CHICA — Decerto.

ANATOLINHO — Decerto.

VIÇOSO — Chegar assim no próprio momento em que o voto da maioria vai recompensar dos seus afãs diplomáticos! Está em caminho da pasta, Sr.^a Josefa.

JOSEFA — Não sei o que é, mas Deus o oiça, Sr. Viçoso. Muito bom oiro leva gasto a Sr.^a Viscondessa com a eleição do menino. Só a estrada o que lhe não custou! E por ora foi um homem a olhar pelo óculo e o Martins a tomar-lhe o ponto.

VIÇOSO — Precisamos combater a todo o transe este governo nefasto. E então ainda dorme?

JOSEFA — Eram duas da manhã quando chegou; abraços, falatório, ceia... eram quatro quando se foi deitar. Tudo isto depois de seis horas de comboio e duas de diligência...! Deixá-lo dormir, coitadinho!

D. ANATÓLIA — Não queremos incomodar.

CHICA — Decerto que não.

ANATOLINHO — Decerto que não.

VIÇOSO — Apenas saber como havia chegado. Os nossos cumprimentos e às senhoras com os nossos parabéns pelos anos de Sr.^a D. Maria da Piedade. E até logo.

D. ANATÓLIA — É verdade. E o tal amigo em que o Sr. Diogo nos falou?

JOSEFA — Um companheiro com quem o menino andou lá por fora. Mas esse não diz nada.

VIÇOSO — Será mudo?

DIOGO — Mudo não é, porque canta. Mas não fala.

ANATOLINHO — Misterioso ente!

D. ANATÓLIA — Esteja calado. Adeus, Sr. Diogo. Até logo, Sr.^a Josefa.

CHICA — Até logo, Sr.^a Josefa.

ANATOLINHO — Adeus, Sr. Diogo.

JOSEFA — Vivam, vivam! Nossa Senhora os acompanhe.

VIÇOSO (*à porta, para D. Anatolia*) — Não há eleição que me não lembre o pesadelo da fava preta!

CENA III

DIOGO, JOSEFA e depois BERNARDIM

JOSEFA (*que acompanhou a família Viçoso até ao portão, descendo a rir*) — A fava preta! Este figurão já se não cala com a história da fava!

DIOGO — Não sei se vejo bem, mas parece-me que a Sr.^a Josefa é que já não tem os olhos que tinha dantes.

JOSEFA — Ora essa! Se até os óculos são os mesmos há quinze anos!

DIOGO — Trato do modo por que vossemecê fala agora desta gente. Dantes o Viçoso enchia-lhe as medidas.

JOSEFA — Encheu-me as da paciência. Por que uma vez lhe deitaram uma fava preta, quando foi da eleição do juiz da irmandade, já o homem não cisma noutra coisa!... A fava! A fava?...

DIOGO — Cá por mim gosto dele. Bom chefe de família...

JOSEFA — Porque traz a filha menos mal amanhada e o Anatolinho — que peça — só diz *amém Jesus* à mamã! Que prendas!

DIOGO — Um homem que até já estive para ter o retrato em caixas de fósforos!

JOSEFA — Diz ele; mas não se chegou a ver. A mim, ninguém me tira da cabeça que o mal que por aí se disse do meu menino foi o Viçoso quem o inventou.

DIOGO — Se vossemecê vem com o seu Bernardim, já me calo. É o seu *ai-jesus*; não se lhe pode bulir!

JOSEFA — É o filho único do Sr. Vasco, irmão da senhora. Quando o pai morreu, deixando-o com três anos — o pai que eu tinha criado nestes braços! —, parece que ainda mais fiquei gostando da criança! Tratei-o como filho e tanto que ele até me chamava *tia*. Quando a senhora veio para aqui, deixou-o no colégio. Férias poucas. Depois Coimbra. Veio aqui, há dez anos, despedir-se. Foi então que vossemecê o conheceu. E lá foi, como um degradedado, para essa tal diplomacia, que não sei para que serve.

DIOGO — Política, Sr.^a Josefa.

JOSEFA — Será. Mas começou a gastar!... a gastar!... a mandar vender!... Verdade é que a Sr.^a Viscondessa também com as eleições...! E por aí tudo a dizer mal...! Ninguém me tira da cabeça que foi o Viçoso quem o inventou.

DIOGO — Mas para quê?

JOSEFA — Porque bem sabia que a Sr.^a Viscondessa havia de querer casar a menina com o primo e o Viçoso ideou que o Anatolinho...

DIOGO — Oh! Sr.^a Josefa!... Isso até dá vontade de rir!

JOSEFA — Mas aposto que, se o menino se lembrasse de fazer frente à seresma da Chica, já não era então o que se dizia, que até pedreiro-livre lhe chamaram! Pedreiro-livre, o menino que daqui levou ao pescoço os santinhos que lhe dei!

DIOGO — Tanto nunca ouvi. Mas olhe que lá por fora há muita falta de temor de Deus, muito herege.

(*Aparece Bernardim à janela do primeiro andar, escutando.*)

JOSEFA — Herege! Só me faltava essa! Olhe, a senhora tem no livro de missa uns santinhos com francês por baixo, coisas lindas que a Sr.^a D. Maria da Piedade me disse o que eram. Pois olhe que os franceses não são lá dos melhores, que até diz o padre prior que são republicanos. Mas não são hereges! Só me faltava essa! Herege...! Depois de lhe chamarem doido, extravagante, jogador, um perdido!

BERNARDIM (*à janela*) — Intrigas, minha Josefa, intrigas!

JOSEFA — Ora viva! Até que enfim!... Salve-o Deus! Dormiu bem?

BERNARDIM — Como um príncipe!... E nunca tive melhor acordar!

JOSEFA — Então desça. Venha dar-me um beijo!

BERNARDIM — Um beijo na Josefa! Olhe que salto da janela!

JOSEFA — Isso! Como fazia quando era pequeno e me deixava sem pinga de sangue! Desça pela escada e juízo!

BERNARDIM — Um juizão! Mal haja quem diga o contrário. *(Entra em casa.)*

JOSEFA — Vê?... Um juizão. É ele mesmo que o diz. Vá se arranjar, ande. A filarmonia a que horas vai?

DIOGO — Ao meio-dia. Eu lá vou com o trombone e o hino progressista. Até logo, Sr.^a Josefa.

JOSEFA — Cuidado com a lista; não haja trapaceiros.

(Diogo sai pelo fundo, enquanto Bernardim entra pela esquerda.)

CENA IV

JOSEFA e BERNARDIM

BERNARDIM *(descendo alegremente os degraus)* — Venha o beijo!

JOSEFA — Ainda não. Temos que conversar.

BERNARDIM — Mau...! Sermão de lágrimas?

JOSEFA — Não, senhor; prática de confessor. Que fez lá por Cascos de Rolhas que tudo era pedir dinheiro, pedir dinheiro? Em que estragou tanto conto que pediu?

BERNARDIM — Estraguei...! Gastei.

JOSEFA — Disse-se por aí que esteve vivendo com uma dançarina. É verdade?

BERNARDIM — É verdade, Josefa.